



TEOLOGIA E LITURGIA NA PERSPECTIVA DA AMÉRICA LATINA: AVANÇOS E DESAFIOS¹

Theology and Liturgy in Latin America perspective: progresses and challenges

Ione Buyst²

Resumo:

O texto retrata a prática e o estudo da liturgia no contexto latino-americano. Tem como objetivo provocar uma reflexão sobre a liturgia na Igreja pós-conciliar latino-americana, principalmente a partir de Medellín. Trata-se de um esboço incompleto, um pequeno ensaio que tenta mapear princípios norteadores para uma possível avaliação da liturgia. Num primeiro momento, situando a 'liturgia' como celebração, como realidade teológica e espiritual, e como disciplina teológica no conjunto das outras disciplinas. Num segundo momento, traz um esboço da teologia da liturgia segundo o Concílio Vaticano II (*Sacrosanctum Concilium* - SC) e, em seguida, na perspectiva da teologia latino-americana. Num terceiro momento, enfoca o desafio da formação litúrgica, enfatizando procedimentos metodológicos e pedagógicos.

Palavras-chave:

Liturgia. Teologia da Liturgia. Formação Litúrgica e América Latina.

Abstract:

The text portrays the practice and study of liturgy in the Latin American context. It aims to provoke a reflection on the liturgy in the post-conciliar Church in Latin America, mainly from Medellín. This is an incomplete sketch, a short essay that tries to map guiding principles for a possible evaluation of liturgy. At first, it places the 'liturgy' as celebration, as spiritual and theological reality, and as a theological discipline among others. Secondly, it brings a sketch of the theology of the liturgy according to the Second Vatican Council (*Sacrosanctum Concilium* – SC) and then, in the perspective of Latin American theology. Thirdly, it focuses on the challenge of liturgical formation, emphasizing methodological and pedagogical procedures.

Keywords:

Liturgy. Theology of Liturgy. Liturgical Formation and Latin America.

¹ Texto publicado no livro *Eu sou o aquele que sou*. BUYST, Ione. Teologia e liturgia na perspectiva da América Latina; avanços e desafios. In: FAVRETTO, Clair & RAMPON, Ivanir Antonio (orgs.). *EU SOU AQUELE QUE SOU; uma homenagem aos 25 anos do Instituto de Teologia e Pastoral*. Berthier, Passo Fundo, 2008, pp. 38-76.

² Doutora em Teologia Dogmática com Concentração em Liturgia, pelo Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, Brasil. Contato: buyli@bol.com.br

Introdução

A preparação da V Conferência do Celam (Conselho Episcopal Latino-Americano) e sua realização em maio 2007, em Aparecida, (SP, Brasil) reacendeu os debates sobre antigos temas centrais que estavam de alguma maneira esquecidos ou estrategicamente silenciados: a teologia da libertação com sua opção pelos pobres e suas comunidades eclesiais de base, com sua cristologia e eclesiologia com características próprias, com sua relação com a práxis libertadora e seu método ver-julgar-agir... Seguiria a Conferência e o documento final de Aparecida a tradição original do magistério latino-americano iniciada em Medellín, agora num contexto profundamente modificado do ponto de vista político, social, econômico, cultural e também eclesial? Teria clima para isso no mundo 'globalizado', dominado pela lógica do mercado e caracterizado pelo pluralismo cultural e religioso? Teria a Igreja latino-americana - diminuída drasticamente em número de fiéis e visibilidade social, controlada pela cúpula da Igreja Católica Romana mais que nunca centralizadora - teria ela força para dizer uma palavra nova, significativa? Contrariando as expectativas, o Documento de Aparecida (DA) insiste em retomar o método ver-julgar-agir, reafirma claramente a opção evangélica pelos pobres excluídos do sistema, reforçando seu fundamento cristológico; acentua o valor insubstituível das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e até o termo 'libertação' reapareceu, embora timidamente e com vários adjetivos (cristã, autêntica, integral...).³ O eixo do documento de Aparecida é a *missão* a serviço da *vida* no contexto atual, levada avante pelos *discípulos/as missionários/as*, marcados/as por uma *experiência profunda de encontro com Jesus Cristo*.

Precisaremos certamente de muito tempo para aprofundar o lugar que a liturgia poderia ou deveria ocupar no rumo apontado por 'Aparecida'.⁴ É um trabalho a ser levado avante em 'mutirão'. Mas cabe aqui ao menos provocar uma reflexão sobre a liturgia na Igreja pós-conciliar latino-americana, principalmente a partir de Medellín. Trata-se de um esboço incompleto, um pequeno ensaio que tenta mapear princípios norteadores para uma possível avaliação da liturgia. Num primeiro momento, situo a 'liturgia' como celebração, como realidade teológica e espiritual, e como disciplina teológica no conjunto das outras disciplinas. Num segundo momento, vem um esboço da teologia da liturgia segundo o Concílio Vaticano II (SC, Sacrosanctum Concilium) e, em seguida, na perspectiva da teologia latino-americana. Num terceiro momento, enfoco o desafio da formação litúrgica, enfatizando procedimentos metodológicos e pedagógicos.

O que entendemos por 'liturgia'?

Liturgia como 'celebração', como ação ritual

O termo 'liturgia' diz respeito antes de tudo ao *conjunto das celebrações* do povo cristão: a celebração eucarística, a celebração dos outros sacramentos e sacramentais, o ano litúrgico, o ofício divino, as exéquias; diz respeito também à música litúrgica e ao espaço litúrgico.

³ Não entro no mérito das modificações introduzidas no texto depois de sua votação no plenário. O assunto foi bastante divulgado e a comparação entre as duas redações pode ser encontrado em várias publicações.

⁴ Quer me parecer que, infelizmente, a liturgia não é contemplada como deveria. Não se aproveitou muito da contribuição enviada pela Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia (CEPL) da CNBB, juntamente com a ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), com o título '*Liturgia, fonte e ápice da vida dos discípulos e missionários de Jesus Cristo*'. Nem mesmo encontramos o verbete 'liturgia' no índice do documento.

Do ponto de vista antropológico, podemos dizer que as celebrações litúrgicas são *ações rituais*. Nenhuma pessoa, nenhum povo ou grupo social vive sem ritos. Precisamos de ritos e mitos assim como precisamos de ar, alimentação, convivência. É a linguagem com a qual expressamos nossa identidade, nossas convicções profundas, o sentido da vida. E hoje sabemos muito bem que, sem a linguagem, não há consciência. Cada povo, cada grupo cultural tem sua maneira de ritualizar o sentido da existência. Seus símbolos, mitos e ritos, suas festas... são expressão de sua identidade e permitem a integração dos membros no grupo e criam o sentido de pertença. Como cristãos, temos nossas festas, nossos símbolos, 'mitos' e ritos... para expressar nossa identidade pessoal e eclesial, baseada em nossa relação com Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, no Espírito Santo. Na Igreja Católica Romana encontramos, ao lado das liturgias promulgadas oficialmente, inúmeras expressões rituais de fé na chamada 'piedade popular' e na 'Igreja da caminhada': folias, procissões, romarias, vias-sacras, ofícios, vigílias, celebrações da palavra... Também novos movimentos que foram aparecendo nas últimas décadas criaram ritos diferenciados que os caracterizam.

É preciso fazer uma distinção entre a *proposta ritual* e sua *execução*. A proposta ritual encontra-se nos livros litúrgicos, com o roteiro das ações rituais, com os textos das orações, leituras e cantos, com a indicação de gestos e movimentos e, também, com uma introdução que aponta, entre outras, para o sentido teológico daquela determinada celebração. Mas a liturgia prevista nos livros ou nos roteiros, só se torna 'liturgia' de fato, ao ser 'executada', 'realizada', 'celebrada' por assembleias litúrgicas, reunidas no 'aqui e agora' da história, expressando-se em sua própria 'linguagem' cultural. Nestas assembleias é que acontece o encontro entre Deus e o seu povo. A qualidade deste encontro dependerá da qualidade teológica do rito proposto, da densidade espiritual com a qual a celebração é preparada e coordenada pelos ministros e ministras e da participação consciente, atual, exterior e interior... de toda a assembleia litúrgica. Sem isto, não se pode a rigor falar de 'liturgia'. Dependerá, pois, da redescoberta da 'ritualidade', capaz de nos devolver o prazer de celebrar, superando o ritualismo que 'congela' o rito e leva a um estéril formalismo.

Liturgia como realidade teologal e espiritual

Ao falar da liturgia como encontro entre Deus e o seu povo, estamos considerando a liturgia como uma *realidade teologal*, como o fez a Mediator Dei (Pio XII, 1947) e como confirmou e completou o Concílio Vaticano II, principalmente em SC (1963), assumindo as teses centrais do Movimento Litúrgico, a partir de estudos bíblicos, patrísticos, históricos, teológicos. Não se trata de uma inovação, mas de uma 'volta às fontes'. A partir daí, a liturgia não pode mais ser considerada como a parte 'externa' e 'sensível' do 'culto', um conjunto de ritos e cerimônias bonitas, decorativas. Não pode mais ser reduzida a uma expressão da 'virtude da religião' ou da devoção, por iniciativa do ser humano frente ao Criador. Também não podemos restringir a liturgia a seus aspectos jurídicos e suas rubricas, como se a eficácia e o valor da liturgia dependessem de uma minuciosa obediência às prescrições ritualísticas. A liturgia é um encontro do Deus vivo com o seu povo, aqui e agora, para fazê-lo participante de sua vida, para viver em comunhão com ele, para que o projeto de Deus se realize. É participação no próprio mistério de Deus. O Cristo Ressuscitado, com seu Espírito, está presente na assembleia eclesial reunida para fazê-la passar, junto com ele, da morte para a vida e se tornar assim, no meio do mundo, uma semente do Reino de Deus, o início do mundo novo que brota da ressurreição de Jesus, o Cristo.

A presença do Senhor Ressuscitado não deve ser entendida como uma presença psicológica, sentida subjetivamente, emocionalmente; trata-se de uma presença objetiva, espiritual, sacramental, i. é, através dos ‘sinais sensíveis’ da ação ritual: a assembleia das irmãs e dos irmãos reunidos, a atuação da presidência e outros ministérios, a proclamação e interpretação da Palavra, as preces e orações, os gestos sacramentais (banho batismal, unção crismal, partilha do pão e do vinho eucaristizados...), a música ritual, o espaço litúrgico... É participando da ação ritual que entramos comunitariamente em comunhão com Deus. A participação comunitária supõe o envolvimento pessoal de cada participante nesta ação. É importante sublinhar que nossa subjetividade deve abrir-se à realidade objetiva da ação ritual, na qual o Cristo Ressuscitado vem ao nosso encontro.

Liturgia é uma rua de ‘duas mãos’: é antes de tudo ação pascal de Deus que vem santificar seu povo; é glorificação de Deus por parte do povo, que acolhe a vida divina e responde à ação salvadora de Deus louvando, agradecendo, vivendo a vida nova que vem do Cristo e se comprometendo com o crescimento do Reino de Deus no mundo, até que se complete a história da salvação, até que se realize plenamente o Reino de Deus. Assim, não basta ‘ir à missa’ e ‘assistir’; é preciso *participar* ativamente, com conhecimento de causa, com empenho espiritual e fazer com que aquilo que celebramos transforme nossa vida pessoal, comunitária, social e nos torne testemunhas e missionários/as.

Partindo destas afirmações, é fácil entender que a liturgia é a ‘a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis deverão haurir [tirar, beber] o espírito genuinamente cristão’.⁵ É nela que recebemos sacramentalmente o Espírito Santo, que nos torna capazes para o sacerdócio do povo santo e para a profecia, tanto nas ações litúrgicas quanto na vida cotidiana e na missão. A característica da experiência de Deus na liturgia é de ser uma *experiência ritual*, que leva a sério e passa necessariamente pela corporeidade. A liturgia - e a espiritualidade na qual está banhada - supõem uma antropologia na qual corpo, alma, mente e espírito formam uma unidade. Requerem uma teologia que leve a sério a liturgia enquanto ação ritual. Costumo falar da ‘dobradinha’ inseparável: ‘*corporal e espiritual*’: a espiritualidade litúrgica está ‘casada’ com a ritualidade. Trata-se de entrar no mistério, de ‘conhecer’ Deus, através da participação na ação ritual. Um texto pouco conhecido da SC (e mal traduzido) nos ajuda a perceber esta união. Falando da participação do povo na liturgia eucarística, diz: “*para que os fiéis não assistam a este mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas que, compreendendo-o bem [o mistério] em seus ritos e preces, participem da sagrada ação consciente, piedosa e ativamente.*” (SC 48)⁶ Conhecemos o mistério, *pelos ritos e preces* e somente desta forma poderemos participar de verdade na ação sagrada. Não basta conhecer bem ‘os ritos e as preces’ em seu lado ‘externo’ digamos: é preciso penetrar em seu sentido teológico, espiritual, mistérico. E aí é bom lembrar que o silêncio e a interioridade são parte essencial da ritualidade.

‘Liturgia’ como disciplina teológica

O termo ‘liturgia’ é usado também para designar uma disciplina que consta do currículo dos institutos de teologia. Dependendo do instituto, esta disciplina encontra-se entre as disciplinas

⁵ Cf. SC 14

⁶ A tradução da ‘Paulus’ reza: “para que os fiéis (...) participem da ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa *compreensão dos ritos e orações...*” (*Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*, 2001, Col. Clássicos de Bolso, p. 53 - grifo meu). O texto original não fala de compreender os ritos e preces, mas de *compreender o mistério*, por meio dos ritos e preces. São duas coisas muito diferentes.

teológicas ou na disciplina 'pastoral'; em alguns institutos, 'liturgia' abrange também o estudo dos sacramentos, em outras há uma disciplina chamada 'teologia dos sacramentos', independente da 'liturgia'. Por de trás desta diferença e das opções feitas está o conceito que se tem de liturgia e de sacramentos.

Em primeiro lugar, os sacramentos são celebrações litúrgicas e deveriam ser tratados como tais. O sentido teológico de cada sacramento não é independente da ação ritual, mas está como que 'embutido' nela; não está limitado à 'fórmula' e ao gesto sacramental central, mas inclui todos os elementos e todo o desenrolar da celebração, desde os ritos iniciais até os finais. Por isso, o certo seria centrar o estudo de cada sacramento na ação ritual, desvendando e compreendendo qual é a ação de Deus nela realizada, qual o mistério nela celebrado. Esta é a proposta coerente com a renovação litúrgica do Concílio Vaticano II. Daí a necessidade de se passar do método de especulação da teologia escolástica para o método mistagógico, que parte da ação de Deus expressa na ação ritual. O primeiro analisa os sacramentos aplicando conceitos filosóficos (existência, essência, efeitos...), sem levar em conta a celebração deste sacramento. O segundo método parte da própria ação ritual, da celebração, e procura, através de uma compreensão orante, introduzir no mistério celebrado.⁷

Quanto à liturgia, como vimos acima, toda ela é 'sacramental', realidade teologal: é palavra e efetiva ação de Deus Pai, Filho e Espírito Santo na comunidade eclesial reunida, através dos 'sinais sensíveis' da ação ritual, gerando em nós uma experiência de Deus, uma compreensão de seu mistério, uma participação em sua vida. Sendo a liturgia uma realidade '*teologal*', o estudo da liturgia terá necessariamente uma dimensão '*teo-lógica*'⁸: deverá procurar compreender a experiência teologal oferecida pela celebração litúrgica e elaborar uma reflexão racional, sistemática, sobre a mesma. Por isso, é indispensável que, nos institutos de teologia, a 'teologia da liturgia' conste entre as disciplinas teológicas, ao lado do estudo da cristologia, da eclesiologia, da pneumatologia, da escatologia etc..., com a devida carga-horária e professores/as especializados/as.

Evidentemente, a liturgia supõe também a arte da celebração e a vivência espiritual, para que a realidade teologal aconteça, de fato. Daí a necessidade de formação na prática celebrativa e na prática de organização pastoral, assim como na espiritualidade e na mistagogia. Por isso, estudar liturgia inclui necessariamente também esta dimensão pastoral, sem ficar a ela reduzida.

Assim o expressam os documentos do Magistério:

"A sagrada liturgia deve ser tida, nos seminários e casas religiosas de estudos, por uma das disciplinas necessárias e mais importantes, nas faculdades de teologia como disciplina principal, e seja ensinada tanto sob o aspecto teológico e histórico, quanto espiritual, pastoral e jurídico" (SC 16).

"A importância da correta formação litúrgica dos futuros padres assume uma especial importância devido à união íntima da liturgia com a doutrina da fé, união que deve ser sublinhada

⁷ Vejam a comparação entre os dois métodos e a aplicação do método mistagógico ao estudo da celebração eucarística em: GIRAUDO, *Num só corpo; tratado mistagógico sobre a eucaristia*, São Paulo, Loyola, 2003 pp. 1-13. Vejam ainda: TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã; uma teologia do batismo-crisma*, São Paulo, Loyola, 2001 (Col. Theologica, 4); TABORDA, Francisco, *Da celebração à teologia; por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos*, In: REB 64 (2004) 588-615, fasc. 255.

⁸ 'Teologal' é da ordem da experiência, que ultrapassa a razão; 'teológica' é da ordem da reflexão sistemática e da formulação racional, que procura compreender e explicitar a experiência vivida. Cf. DE CLERCK, Paul. *Une théologie de la liturgie pour la gloire de Dieu et le salut du monde. La Maison-Dieu*. Paris, 221; 2001/1: 7-30, citação da p. 13.

*no ensino desta disciplina. É na prática da sua oração que a Igreja exprime principalmente a sua fé, de modo que ‘a regra da oração fixou a regra da fé’. Por isso é preciso conservar fielmente a ‘lex orandi’ (a regra da oração) para evitar que seja posta em perigo a ‘lex credendi’ (a regra da fé), mas vice-versa os teólogos devem interrogar com cuidado a tradição litúrgica, principalmente quando estudam a natureza da Igreja ou a doutrina e a disciplina dos sacramentos”.*⁹

Teologia da liturgia no conjunto das disciplinas teológicas

Qual é o lugar destinado à ‘liturgia’ no conjunto das disciplinas teológicas? Está sendo difícil recuperar a unidade perdida entre bíblia, patrística, liturgia, espiritualidade, teologia sistemática, pastoral. O ponto comum, o ponto que deveria ser de convergência é o dado da fé. Teologia é reflexão crítica sobre o dado da fé, num determinado contexto (social, político, cultural...). Mas, onde encontramos o dado da fé? Nas Sagradas Escrituras e na Liturgia, as duas fontes da teologia. Geralmente, a primeira é levada a sério nos estudos teológicos; mas, será que poderemos dizer o mesmo da segunda, da liturgia como fonte da teologia? Qual o instituto de liturgia, quais os manuais de teologia que levam isto em conta? No entanto, ao celebrar, *vivenciamos sacramentalmente* a realidade humano-divina sobre a qual a teologia se debruça para compreendê-la racionalmente, até onde for possível: Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, a história da salvação, o mistério pascal, o Reino, a Igreja, a salvação, a graça, a missão, o ‘escaton’... Por isso, é necessário que as várias disciplinas teológicas estejam atentas a esta inter-relação, de modo que, no estudo do tratado de Deus, na cristologia, na pneumatologia, na eclesiologia, na escatologia, na missiologia, na ética etc... seja levada em conta a realidade sacramental vivida na ação litúrgica. Como falar de Jesus Cristo sem considerar sua presença viva, atual, sacramental, nas celebrações litúrgicas (Cf. SC 7)? Como discorrer teologicamente sobre o mistério pascal sem falar sobre nossa participação neste mistério pela celebração litúrgica, expressa de forma nuclear na liturgia batismal (*Fomos sepultados com Cristo na sua morte pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova...*) e na aclamação eucarística que se encontra no coração da celebração eucarística (*Eis o mistério da fé! Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!*)? Como estudar o mistério, a vida e a missão da Igreja, sem falar da experiência como membros atuantes da assembleia litúrgica, realidade teologal, corpo de Cristo reunido no Espírito Santo, congregada e enviada em missão? Como elaborar uma pneumatologia sem se referir à ação do Espírito Santo expressa nas epicleses, introduzidas durante a renovação litúrgica conciliar? Como falar de Deus e da história da salvação sem fazer referência a tantos gestos e textos litúrgicos nos quais fazemos continuamente memória desta história, como por exemplo: na liturgia da Palavra, no ofício divino, nas celebrações do ano litúrgico, nas orações de ordenação de bispos, presbíteros, diáconos, na oração de consagração de mulheres, na profissão religiosa, na bênção da água batismal...? Como elaborar uma teologia mística e espiritual, sem levar em conta a participação na vida divina pela participação na vida litúrgica? Como falar da ética cristã sem fazer referência ao compromisso de viver a vida nova em Cristo e no Espírito expresso em cada um dos sacramentos?

O inverso também é verdade: como estudar liturgia sem fazer a relação com os outros tratados da teologia e sem levar a uma vivência espiritual e um compromisso de vida cristã? ‘*Lex orandi*’ e ‘*lex credendi*’ se implicam mutuamente. Hoje em dia é comum acrescentar um terceiro

⁹ Sagrada Congregação para a educação católica, *Instrução sobre a Formação litúrgica nos seminários*, Roma 1979, nº 44.

elemento: *'lex agendi'*, ou *'lex vivendi'*: aquilo que cremos e celebramos na liturgia deve se tornar também a 'lei' do nosso viver, da nossa ação no mundo, da nossa ética.¹⁰ Em última análise, nosso modo de viver seguindo os valores que adotamos é a 'pedra de toque' tanto da teologia, quanto da celebração litúrgica. É sobre ele que versará o julgamento final de nosso existir (Cf. Mt 25, 31-46).

Qual é o lugar que a liturgia, de fato, ocupa nos institutos de teologia, principalmente na formação dos futuros ministros ordenados? Quer me parecer que a observação crítica feita sobre a formação litúrgica do clero por um liturgista italiano quinze anos atrás, infelizmente é válida também para o Brasil e ainda continua atual:

*"Esse [o estudo da liturgia] continua sendo um ponto frágil da reforma. O programa de estudos nos seminários e nas universidades eclesiais geralmente não dá à liturgia entre as matérias principais e indispensáveis o lugar que a SC lhe designa, de modo que seja tratada nos seus vários aspectos teológico, histórico, espiritual, pastoral, jurídico. Também não foi feita a coordenação das várias matérias - especialmente teologia, eclesiologia, sacramentária, S. Escritura - com a liturgia, para dar à formação dos seminaristas caráter unitário (SC 16). Essa unidade deve realizar-se não só no campo doutrinário, mas também na ligação entre estudo e vida. A liturgia conhecida, vivida e celebrada com a intensidade, a variedade, a integralidade e abrangência propostas pela reforma é o eixo da formação seminarística."*¹¹

Por fim, teologia da liturgia não é algo para ser reservado aos institutos de teologia. Um povo que vem às celebrações sem uma consciência da realidade teológica na qual está envolvido, não está 'participando' realmente e, portanto, não poderá a partir daí alimentar espiritualmente sua vida cristã, não estará apto para assumir sua vocação missionária, nem mesmo gerar vocações maduras para os ministérios. Qual é a compreensão teológica que o povo cristão recebe na catequese, nos encontros de formação e nas próprias celebrações, principalmente nas homilias? Isso depende muito de cada comunidade e de cada diocese. Há uma relação circular entre a formação litúrgica do povo e a formação nos seminários, casas de formação e institutos de teologia. Não se deve apostar tudo na formação dos futuros ministros ordenados. É preciso dar a mesma atenção à formação teológico-litúrgica de todo o povo de Deus, porque ali são colocados os alicerces, inclusive para a formação dos futuros ministros.

Teologia da liturgia

A *'liturgia'* enquanto celebração é expressão ritual, simbólico-sacramental de nossa fé. A *teologia* é reflexão crítica sobre o dado da fé, num determinado contexto (social, político, cultural...); a *teologia da liturgia* procura aprofundar o sentido daquilo que celebramos para dar 'razão de nossa esperança' em consonância com as outras disciplinas teológicas. Normalmente, portanto, deve haver uma inter-relação entre estas duas expressões de nossa fé: mudanças na celebração litúrgica estão relacionadas com mudanças teológicas, assim como mudanças na compreensão teológica de nossa fé e da liturgia, deveriam normalmente acarretar mudanças na expressão ritual.

Vejamos em grandes linhas esta inter-relação, enfocando a teologia da liturgia: 1) de acordo com o Concílio Vaticano II; 2) na perspectiva da América Latina.

¹⁰ Cf. TABORDA, Francisco, 'Lex orandi – lex credendi,' origem, sentido e implicações de um axioma teológico, In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 35, (2003) 71-86.

¹¹ PASQUALETTI, G. Reforma litúrgica. In: SARTORE, D. & TRIACCA, A.M. (org.) *Dicionário de liturgia*. São Paulo, Paulinas/Paulistas, 1992, p. 986-1001. Citação da p. 997.

A teologia da liturgia segundo Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II foi um momento forte e fecundo de renovação de toda a Igreja Católica Romana, ajudada pela participação das outras Igrejas convidadas. Devemos entender a renovação litúrgica conciliar no conjunto da renovação eclesial e teológica: a reviravolta na compreensão da Igreja como povo sacerdotal e de sua missão profética na sociedade a serviço do Reino de Deus; a devolução da Bíblia na mão do povo e a insistência na escuta meditativa da Palavra de Deus na comunidade reunida para ‘ouvir o que o Espírito diz às Igrejas’, como palavra viva e atual no hoje da vida do povo; a redescoberta da ressurreição e da centralidade do mistério pascal; a tomada de consciência da ação do Espírito Santo na Igreja e no mundo; a superação da noção causal de ‘sacramento’ e a volta à compreensão simbólica, a partir de uma abordagem antropológica; a imperiosa necessidade do ecumenismo e do diálogo inter-religioso...

Dentro desta perspectiva, lembremos de forma sucinta algumas das grandes linhas da teologia da liturgia recuperada pela renovação conciliar e as exigências que daí decorrem ¹²:

- 1) A liturgia é ação transformadora do Cristo pascal na ação ritual *memorial* realizada pela comunidade eclesial na força do Espírito Santo, a serviço da humanidade inteira. É ao mesmo tempo ação do Deus-Trindade (santificação, pascalização) e ação da Igreja (glorificação de Deus).
- 2) É *atualização do mistério pascal* de Cristo, no qual é revelado o mistério de Deus, do ser humano e da própria história da humanidade.
- 3) Não há liturgia sem que a comunidade celebrante invoque ao Pai pedindo o envio e atuação do Espírito Santo. Celebramos no Espírito. Daí a importância das *epicleses*.
- 4) É toda a comunidade eclesial, todo o povo santo e sacerdotal, que celebra a liturgia, e não somente a hierarquia. Os ministérios estão – como o próprio termo indica – a ‘serviço’: do Espírito Santo e do povo celebrante.

¹² Textos consultados, em ordem cronológica de sua publicação: SCHMIDT, H. *Constitution de la sainte liturgie; texte, genèse, commentaire, documents*. Editions Lumen Vitae, Bruxelles, 1966; MARSILI, S. Teologia Litúrgica, In: SARTORE, D & TRIACCA, A.M. (org) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulinas/Paulistas, 1992, pp. 1174-87; IRWIN, Kevin, Pour une théologie liturgique oecuménique, In: *La Maison-Dieu*, 221, 2000/1, 73-99; LAMBERTS, Jozef, Liturgical Studies: a ‘marginal phenomenon’? In: *Questions Liturgiques*, Leuven, 81 (2000) 139-150; DE CLERCK, Paul. Une théologie de la liturgie pour la gloire de Dieu et le salut du monde, *La Maison-Dieu*. Paris, 221, 2001/1: 7-30; BARNARD, Marcel & POST, Paul. *Het ritueel bestek; antropologische kernwoorden van de liturgie*. Zoetermeer (Ndl), Meinema, 2001; BONACCORSO, Giorgio. I principali orientamenti dello studio della liturgia, In: CARR, Ephrem (a cura di -) *Liturgia, opus trinitatis; epistemologia liturgica*. Atti del VI Congresso Internazionale di Liturgia, Roma, Pontificio Istituto Liturgico, 31 ottobre – 3 novembre 2001, Pontificio Ateneo S. Anselmo, Roma, 2002 (*Studia Anselmiana*, 133; *Analecta Liturgica*, 24), pp. 95-121; GIRAUDO, Cesare. *Num só Corpo*; tratado mistagógico sobre a eucaristia, São Paulo, Loyola, 2003; GRILLO, Andrea. *Il rinnovamento liturgico tra prima e seconda svolta antropologica; il presupposto rituale nell'epoca del postmoderno*. Pontificia Facoltà Teologica Dell' Italia Meridionale, Molfetta, Quaderni della Rivista do Scienze religiosi (n. 2), Edizioni Vivere In, Roma, 2004; FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo, Paulinas, 2006 (Col. Liturgia fundamental); Michael AUNE. Liturgy and Theology; Rethinking the Relationship. In: *Worship*, jan. 2007, p. 46ss.; *Worship*, march 2007, p. 141ss.

- 5) A liturgia é ação constitutiva da Igreja; é celebrando os mistérios que nos tornamos sempre mais ‘corpo de Cristo’ no Espírito Santo. É ação da Igreja (na diversidade de tempos e culturas), celebrada pela Igreja (assembleia litúrgica), e a bem da Igreja (a liturgia faz a Igreja ser e crescer).
- 6) A assembleia litúrgica é sacramento, epifania (manifestação) da Igreja.
- 7) A única Igreja de Cristo está presente na multiplicidade de igrejas locais. Cada Igreja local é sacramento da Igreja universal e sua liturgia não pode deixar de manifestar esta realidade. Aqui surge o desafio para o ecumenismo. A unidade querida por Cristo é um dado e um imperativo e o batismo faz de todos os membros das Igrejas cristãs, um só corpo num só Espírito.
- 8) Toda a liturgia é *sacramental*: ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo por meio dos ‘sinais sensíveis’ da ação ritual na comunidade reunida. Participando dos ‘mistérios’ (os sacramentos, as celebrações litúrgicas), expressamos e participamos da comunhão trinitária, da vida divina.
- 9) Entre os sinais sensíveis, simbólico-sacramentais, destacam-se: a assembleia litúrgica com seus ministérios, a proclamação e interpretação da Palavra, as ações simbólicas, gestos e movimentos do corpo, as preces e orações, a música, a organização dos elementos que compõem o espaço litúrgico, a decoração do ambiente...
- 10) Os ‘sinais sensíveis’ são tomados da realidade humana, determinada culturalmente. Daí a necessidade de adaptação e inculturação. Por ser universal, a liturgia deve expressar o mistério cristão na linguagem cultural da comunidade local.
- 11) Quando são proclamadas e interpretadas as leituras bíblicas na assembleia litúrgica, é o próprio Cristo que dirige sua palavra viva, salvadora, curadora, crítica, instigante, provocadora, animadora, transformadora... à comunidade reunida. É Palavra sempre nova, adequada às circunstâncias mutantes de nossa vida pessoal, eclesial, social. Palavra que leva a uma constante renovação de vida, a um compromisso com a missão, com o Reino, com a transformação da sociedade. O salmo responsorial, a homilia e as preces dos fiéis restaurados pela renovação conciliar realçam o caráter dialogal da liturgia da Palavra e sua encarnação em cada realidade.
- 12) A eucaristia reencontra sua teologia pascal: memorial da morte e ressurreição do Senhor, comunhão de todos num só Corpo e num só Espírito, antecipação do ‘banquete’ do Reino de Deus, quando Deus será tudo em todos/as.
- 13) A música ritual é parte integrante da liturgia e, como tal, deve expressar o mistério celebrado naquele dia, naquele tipo de celebração e naquele momento ritual.
- 14) O espaço litúrgico não pode ser apenas funcional, mas também mistagógico, nos conduzindo para dentro do mistério.
- 15) Liturgia é celebração sacramental da história da salvação, momento atual que traz presente o fato salvífico passado e sua realização plena no futuro. Passado e

presente encontram-se no ‘hoje’ litúrgico. Daí a importância da santificação do tempo (diário, semanal, anual) pela celebração do ofício divino e do ano litúrgico.

- 16) A liturgia tem uma forte dimensão escatológica. É anúncio e antecipação sacramental do Reino de Deus, sinal da renovação de todas as coisas em Cristo. Como tal, nos faz atentos/as aos sinais do Reino acontecendo na realidade pessoal e social é também aos sinais do anti-Reino, do mundo ‘caduco’, que merece ser denunciado.
- 17) Liturgia é expressão de uma Igreja a serviço da renovação pascal de todas as coisas em Cristo. Como tal, inclui o compromisso da ética evangélica. Celebrar a páscoa leva a viver a páscoa e fazer com que aconteça na sociedade, no mundo todo, inclusive na conservação e restauração das reservas naturais do planeta.
- 18) A mística (espiritualidade) cristã tem a liturgia como sua primeira e necessária fonte. (SC 14). É nela que fazemos juntos/as experiência de Deus, do mistério pascal, da ação transformadora do Espírito, da comunidade renovada pela páscoa de Cristo. Ela constitui a referência para as outras formas de piedade e devoção.
- 19) A participação ativa, consciente, externa e interna, plena, frutuosa... requer a devida *formação* de todo o povo de Deus e a *organização* da pastoral litúrgica, desde a equipe litúrgica nas comunidades e paróquias até às comissões ou serviços diocesanos, regionais e nacionais.

A teologia da liturgia na América Latina ¹³

¹³ Textos consultados, em ordem alfabética dos autores: ADAM, Júlio Cezar, *Romaria da Terra – Brasiliens Landkämpfer auf der Suche nach Lebensräumen; eine empirisch-liturgiewissenschaftliche Untersuchung*. Stuttgart, W. Kohlhammer, 2005; ALTEMEYER, Fernando Jr. Vida e morte da Teologia da Libertação, In: <www.adital.com.br>, 14.05.07; BALBINOT, Egídio, *Liturgia e política: a dimensão política da liturgia nas Romarias da Terra em Santa Catarina*, Chapecó, Grifos, 1998; BALBINOT, Egídio, Onde e como a política pode ‘entrar’ na liturgia, In: *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo RS, (23) 87, dez. 2007:26-40; BARROS, Marcelo, O reencontro do primeiro amor; a recepção da reforma litúrgica do Concílio na América Latina, In: *Medellín*, Bogotá, 86 (1996) 139-165; BRIGHENTI, Agenor, Critérios para a leitura do Documento de Aparecida (I). In: <www.adital.com.br>, 28.08.07; BUYST, Ione, *Como estudar liturgia*; princípios de ciência litúrgica, 5ª ed. São Paulo, Paulus, 2007 (Col. Liturgia e Teologia), pp. 67-142; BUYST, Ione, Medellín na liturgia, In *REB (Revista Eclesiástica Brasileira)* vol. 48, fasc. 192, dez.. 1988, pp. 860-875; BUYST, Ione, Liturgia no documento de Medellín, *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 62, 1984; BUYST, Ione, Liturgia na América Latina, celebração da Páscoa do Povo? *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 81, 1987; BUYST, Ione, Liturgia e compromisso libertador, *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 88, 1988; BUYST, Ione, Liturgia, acontecimento teológico, *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 95, 1989; BUYST, Ione, A liturgia no Brasil depois do oitavo, *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 114, 1992; BUYST, Ione, Recordação da vida - um novo elemento ritual para uma liturgia “ligada à vida”, In: GOOSSENS, Anita et alii. *A esperança dos pobres vive - Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. São Paulo, Paulus, 2003, p. 377-387; CEPL (Comissão Episcopal para a Liturgia) & ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), Liturgia, fonte e ápice da vida dos discípulos e missionários de Jesus Cristo – uma contribuição para a V Conferência de Aparecida, Opúsculo, Brasília/São Paulo, [2007]; COMBLIN, José, Desafíos sociales y eclesiales en América Latina de hoy (Encuentro en la Universidad Arcis de Valparaíso-Chile, el 06 de Noviembre de 2007), Cuadernos Movimiento Tambien Somos Iglesia-Chile, Correo: <somosiglesiachile@hotmail.com>; COMBLIN, José, O papel histórico de Aparecida, *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, ago. 2007); COMBLIN, José, Puebla, 20 años después, Cuadernos Movimiento Tambien Somos Iglesia-Chile, Correo: <somosiglesiachile@hotmail.com>, Fuente: Revista Reflexión y Liberación (Chile) Nº 44, [s/d]; GONÇALVES, Alfredo J. Gênese, crise e desafios da Teologia da Libertação, In <www.adital.com.br> 26/06/07; GUTIERREZ M, Gustavo, Bento XVI e a opção pelos pobres, In: <www.adital.com.br>, 18/07/07; SANTOS, Carlos C., A Conferência de Aparecida: chaves de leitura (I e II), In: <www.adital.com.br> 25.10.2007; TABORDA, Francisco,

No ambiente do pós-concílio, foi surgindo na Igreja na América Latina e no Caribe uma reflexão teológica original a partir da realidade de opressão e miséria dos pobres no continente: a teologia da libertação. De que forma a liturgia acompanhou e incorporou este pensamento teológico original, latino-americano? Seria necessário realizar pesquisas para responder a esta questão. Na falta destas, podemos ao menos apontar para características da teologia litúrgica latino-americana. E é de se perguntar: no contexto atual terão chances de vingar?

Uma teologia original, latino-americana

Graças à existência do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano)¹⁴, a renovação conciliar no continente latino-americano foi pensada por todas as Igrejas particulares católico-romanas *em conjunto*, a partir da Conferência de Medellín (1968). Ali, a Igreja na América Latina começou a tomar consciência de sua personalidade e responsabilidade específica e se fez ouvir de uma forma nova, própria e decidida no contexto da situação histórica, sócio-econômica e política do continente¹⁵, suscitando inclusive uma nova vertente teológica: a teologia da libertação, abraçada por uns, odiada por outros. O que caracteriza a teologia da libertação? Apontemos aqui três elementos:

- Antes de tudo, o fato de fazer teologia e de viver a fé a partir do seguimento de Jesus Cristo Libertador, Servo Sofredor, na inserção e convivência no mundo dos pobres, das classes sociais exploradas, em sua situação real, social, política, cultural, de ‘povo crucificado’, injustiçado, vivendo em situações desumanas, procurando se livrar da situação de exclusão. Toma-se consciência de que esta situação é planejada deliberadamente pelos responsáveis da ‘ordem mundial’ e que se caracteriza teologicamente falando como ‘pecado estrutural’; é o ‘pecado do mundo’, o pecado da injustiça e da morte generalizada dos pobres, perpetuado nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade. As pessoas que fazem esta experiência começam a ver o mundo, a Igreja e o próprio Deus ‘a partir de baixo’ e entendem que a salvação querida por Deus não se situa numa esfera ‘espiritual’ à parte, fora desta realidade.

- Assim nasce a ‘Igreja dos pobres’, isto é, a Igreja incorporada no mundo dos pobres, principalmente através das comunidades eclesiais de base, tornando-se ‘sacramento histórico’ da salvação. ‘A Igreja que nasce dos pobres pelo Espírito de Deus’ não é uma Igreja fechada sobre si mesma, preocupada somente com sua própria salvação: assume sua missão profética na transformação da sociedade. Acredita que ‘um outro mundo é possível’. Vive em função desta missão, como fez Jesus. De fato, não somente os próprios pobres, mas a sociedade como um todo

Sacramentos, práxis e festa; para uma teologia latino-americana dos sacramentos, Vozes, Petrópolis, 1987; VALENTINI NETO, Antonio, A liturgia no documento de Aparecida, In: *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo RS, (23) 87, dez. 2007: 19-25; VELASCO, Rufino, La Iglesia de los pobres: eclesiología en la teología de la liberación, In: *La Iglesia de Jesús*, Libro virtual, <www.servicioskoinonia.org/biblioteca>; VIGIL, José Maria (org.), *Bajar de la cruz a los pobres; cristología de la liberación*, ASETT (Asociación Ecuemênica de Teólogos/as Del Tercer Mundo), 2. ed. Libro virtual, <www.servicioskoinonia.org/biblioteca>; VV.AA., *Aparecida, renacer de una esperanza*. Ameríndia, Libro virtual, <www.servicioskoinonia.org.br/biblioteca>.

¹⁴ Criado em 1955.

¹⁵ Comblin chama a atenção para a novidade e importância deste fato: “Com Medellín e Puebla surgia na Igreja universal um fato novo: ao lado das vozes da Igreja de Roma, outra voz se lançava, não oposta, mas distinta. Nunca, desde 1054, data da separação definitiva entre [a Igreja do] Oriente e Ocidente havia aparecido outro pólo.” (In: Puebla, 20 años despues...). Infelizmente, tentou-se de todas as maneiras possíveis calar esta voz.

deve ser salva, colocada no rumo do Reino de Deus, o que poderá ocorrer somente com a mudança simultânea dos indivíduos e das estruturas da sociedade.

- Um instrumento valioso nesta missão transformadora é o ‘método ver-julgar-agir’ que conjuga olhar científico e evangélico sobre a realidade, conjuga conhecimento e ação (*‘práxis’*), porque o objetivo final do fazer teológico é a libertação efetiva, progressiva (política, social, cultural, religiosa...) do povo pobre injustiçado e a superação das estruturas injustas da sociedade, como sinal da chegada do Reino. Este método supõe várias ‘mediações’ entre a fé e a realidade. Para ler a realidade à luz da fé, é preciso recorrer ao estudo exegético e hermenêutico das sagradas escrituras (e não se contentar com uma leitura fundamentalista), mas também às ciências históricas, sociais, antropológicas, políticas, econômicas, ecológicas, psicológicas, pedagógicas...¹⁶ Sem a ajuda destas últimas não estaremos em condições de compreender a sociedade e de atuar nela de maneira eficiente.

Inter-relação entre teologia da libertação e liturgia: necessidade de pesquisas

Mudanças na teologia deveriam normalmente provocar mudanças na liturgia. O Documento de Medellín deu orientações precisas e preciosas a respeito disso, quando fez uma releitura dos princípios da SC do Concílio Vaticano II, na perspectiva eclesial e pastoral da Constituição pastoral *Gaudium et Spes* e da encíclica *Populorum Progressio* do papa Paulo VI, e dentro da realidade do continente latino-americano. No capítulo 9 diz que “...a celebração litúrgica coroa e comporta um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção” - “A celebração litúrgica (...) traz a exigência que leva a fé a comprometer-se com as realidades humanas” - “Para que a liturgia possa proporcionar plenamente essas contribuições, é necessário (...) manter-se numa situação dinâmica que acompanhe tudo o que houver de sadio no processo de evolução da humanidade; levar a uma experiência vital de união entre a fé, a liturgia e a vida cotidiana, em virtude da qual chegue o cristão ao testemunho de Cristo...” . Na Introdução afirma: “Cristo, ativamente presente em nossa história, antecipa seu gesto escatológico (...) naquelas conquistas que, como sinais indicadores do futuro, o ser humano vai fazendo através de uma atividade realizada no amor.” E lembra que, como fez o povo de Israel outrora na saída do Egito, devemos saber reconhecer nestes sinais ‘seu passo que salva, quando se dá (...) a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas’. ‘Passagem’ é páscoa! Se Deus está passando em nossa história, tornando mais humana a vida de seu povo, então é preciso que isto seja proclamado e celebrado na liturgia, como páscoa de Cristo acontecendo em nossa páscoa.¹⁷

Até que ponto esta inter-relação entre fé, teologia, liturgia e vida cotidiana preconizada por Medellín se concretiza na liturgia do continente? Em outras palavras: **de que forma a teologia da libertação (*lex credendi*) repercute, a partir dos anos ’70 e ’80, na celebração, na formação litúrgica, na espiritualidade, na teologia da liturgia (*lex orandi*) e na pastoral litúrgica no continente latino-americano?**

Para responder a esta pergunta fundamental, seriam necessárias inúmeras pesquisas em todos os recantos do continente, abrangendo diversas áreas:

¹⁶ E não somente a mediação filosófica como acontece na teologia clássica.

¹⁷ Cf. ‘Páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo’, In: CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, 1989, Doc. 43, n. 300.

- A vida litúrgica das comunidades, paróquias, dioceses, regiões, as diversas pastorais, os movimentos..., incluindo a música ritual e a organização do espaço litúrgico.

- A adaptação dos *rituais* realizada pelas Conferências Episcopais no continente. (A título de exemplo: no Brasil, a oração eucarística n. 5, os novos rituais do batismo, do matrimônio e das exéquias... incorporaram as características da teologia latino-americana? Como?)

- O '*Ofício Divino das Comunidades*', criado em 1988; incorporou a perspectiva teológica latino-americana na recordação da vida, nos hinos, na introdução e na linguagem dos salmos, cânticos bíblicos e orações.

- As chamadas '*liturgias emergentes*', expressões litúrgicas que foram surgindo, informalmente, nas bases da Igreja no continente: Novenas de Natal, Vias-Sacras, Romarias da Terra e da Água, Vigílias de oração e protesto político; celebrações por ocasião de ocupação de terras ou moradias... Cabe aqui uma referência à Campanha da Fraternidade, organizada anualmente pela CNBB como vivência comunitária da quaresma, a partir de um determinado problema crucial sentido em nível nacional. Talvez seja uma das poucas iniciativas assumidas por todas as dioceses (com raríssimas e deploráveis omissões), ligando fé e vida, com o uso do método 'ver-julgar-agir' e levando a compromissos duráveis, como o surgimento de pastorais específicas a partir dos 'temas' e realidades trabalhadas.

- As orientações de pastoral litúrgica nos documentos e estudos das Conferências Episcopais.

- Os encontros de formação e pastoral litúrgica em nível continental, nacional, regional, diocesana.

- A caminhada da '*Rede Celebra*'¹⁸, espalhada em inúmeros núcleos em todos os Estados do Brasil, promovendo o florescimento e capacitação dos ministérios, principalmente nas comunidades de base, com uma metodologia que liga reflexão e experiência celebrativa, com o uso do laboratório litúrgico, na busca da inteireza do ser na vivência ritual.¹⁹

- O ensino da liturgia nos Institutos de Teologia e cursos afins.

- O ensino da liturgia nos cursos de atualização e especialização em liturgia, assim como as monografias, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado.

- Os manuais e outros livros de estudo da liturgia, incluindo a sacramentologia; um olhar empírico observa que são poucos os autores que assumiram as teses da teologia latino-americana. Uma análise crítica especial mereceria o *Manual de Liturgia*, de quatro volumes, publicado pelo CELAM; cabe a pergunta: por que os vários autores não incorporaram (excetuando em três ou quatro capítulos) a linha teológica latino-americana dos próprios documentos do CELAM, por exemplo, ao tratar da celebração do mistério pascal e da assembleia litúrgica do povo de Deus?

- Outras *publicações* relativas à liturgia, como a *Revista de Liturgia*, subsídios para homilias, 'folhetos litúrgicos' (prestando atenção especialmente às introduções, aos cantos, às preces);

¹⁸ Vejam: <www.redecelebra.com.br>

¹⁹ Cf. BARONTO, Luís Eduardo Pinheiro. *Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo, Editora Salesiana, 2000. (Nova edição: São Paulo, Paulinas, 2007).

- Publicações, centros de estudo, cursos, encontros e outras realizações motivadas pela teologia da libertação (CEBI, CESEP, SOTER, CRB, Movimento Fé e Política, CPT, Pastorais sociais...): em que medida levam em conta a liturgia como elemento essencial de nossa vida de fé?

- Os manuais, revistas e outras orientações para a catequese.

- As lembranças ('santinhos') da chamada 'primeira comunhão' e os convites para a celebração de ordenação diaconal e presbiteral.

- ...

Traços característicos da teologia litúrgica latino-americana

Não dispondo de todo este material de pesquisa, e mesmo sabendo que muitas vezes 'na prática a teoria é outra', aponto sucintamente alguns traços desta liturgia com características 'latino-americanas' e a teologia litúrgica de alguma forma embutida nela, encontrada principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base e movimentos pastorais afins, onde se procura viver este 'novo jeito de ser Igreja', comunidade fraterna e profética, aliando fé e compromisso social e político:

- 1) **Dimensão eclesial** - A liturgia assume a *opção pelos pobres*, comprometendo-se com suas lutas por melhores condições de vida. A assembleia litúrgica dos pobres é semente do Reino. O Cristo que está ali presente (SC 7) é o Cristo que se identifica com os pobres; é o Servo Sofredor; ele tem compaixão, está atento à vida dos pobres. E é também o Cristo glorificado que associa a si todas as pessoas que, como ele e com ele, dão sua vida por amor aos irmãos e irmãs. Aos não pobres, a liturgia lembra que encontrarão o rosto de Jesus nos pobres e que são chamados a solidarizar-se com eles e contribuir para que a sociedade se torne justa, fraterna, igualitária, como requer o evangelho de Jesus. Ao fazer memória de Jesus na ceia eucarística, *associamos à sua morte e ressurreição a vida e a morte de todo o povo de Deus*, crucificado pelas condições de vida, chamado a se organizar, a se levantar da situação de 'morte' e encontrar caminhos de vida plena. *Maria, mãe de Jesus*, ganha 'cara de povo', como lutadora ao lado de seu povo sofrido. Seu cântico é redescoberto e relido como profecia a partir da realidade atual: *Deus age com braço forte para dispersar os orgulhosos e derrubar do trono os poderosos, para elevar os pequenos e humildes; ele dá pão aos famintos, despede os ricos sem nada...* Na Igreja dos pobres, não cabe clericalismo: todos os ministérios, inclusive os ministérios ordenados estão marcados pela espiritualidade do lava-pés, do serviço aos irmãos e irmãs. O povo torna-se 'sujeito' da liturgia: prepara as celebrações, assume os ministérios litúrgicos, respeitando a igualdade de homens e mulheres; espontaneamente traz para dentro da liturgia a referência à sua vida cotidiana, suas preocupações pela sobrevivência, suas lutas políticas. Realiza também naturalmente a simbiose entre liturgia e piedade popular. Celebra-se onde o povo se encontra: no alpendre de uma casa, na rua, numa garagem, debaixo de pontes, ao lado de um rio... O ambiente é de muita espontaneidade, simplicidade, informalidade, partilha, fervor religioso, com participação de todos/as. A comunidade toma consciência de que o grito do povo foi ouvido por Deus, que resolveu intervir para libertar (Ex 3).
- 2) **Dimensão crística e missionária** - A liturgia é *entendida e vivida no contexto social, político, econômico, cultural*. Nenhuma celebração litúrgica é 'neutra' politicamente falando:

sempre traz em seu bojo uma proposta para a vida em sociedade e, numa sociedade rachada entre ricos e pobres, sempre fará opção para apoiar um dos lados. Por isso, a liturgia não pode ser vivida como um momento individual, intimista ou intra-eclesial apenas; supõe interesse e tomada de posição em relação aos problemas sociais que afligem a população, principalmente os pobres. Supõe um compromisso com a libertação social, política, cultural, religiosa. Celebração e vida formam uma unidade, ambas são expressões inseparáveis do único culto espiritual (Cf. Rm 12,1-3). O fundamento teológico desta ligação 'liturgia/vida' está na *compreensão dinâmica e atual do mistério pascal de Jesus Cristo*. O Ressuscitado, juntamente com seu Espírito transformador, está ativamente presente na *história* do continente latino-americano para fazer o povo passar da 'morte' para a 'vida', de condições menos humanas para condições mais humanas. Cabe à comunidade cristã perceber os sinais desta presença transformadora, louvar e agradecer de coração por esta 'páscoa de Cristo acontecendo na páscoa do povo', e assumir o compromisso de ajudar nesta transformação, como discípulos/as-missionários/as. Abrem-se espaços na celebração para expressar a realidade: na recordação da vida, no rito penitencial, na homilia, nas preces dos fiéis, na preparação das oferendas, nas motivações antes da oração eucarística, no embolismo do pai-nosso ('*Livrai-nos, ó Pai...*'), nas bênçãos, na partilha de alimentos na celebração dominical da palavra de Deus ou depois da celebração eucarística. A 'missa', assim como qualquer outra celebração litúrgica, supõe o compromisso com a 'missão'. Participar das celebrações litúrgicas sem ter um engajamento social no sentido apontado acima, contradiz a própria liturgia. A relação liturgia/vida aparece forte nas celebrações por ocasião da morte e na comemoração dos inúmeros *mártires* de nosso continente que deram sua vida na defesa dos excluídos do sistema social. Reconhecemos em sua atitude de doação da vida em solidariedade e na luta com o povo oprimido e excluído a atitude do próprio Jesus: '*Prova de amor maior não há, que doar a vida pelo irmão*'.

- 3) ***Dimensão pneumática, espiritual, mística*** - Pouco a pouco redescobrimos na liturgia a ação transformadora do Espírito Santo. O Espírito faz de nós um só corpo e um só espírito, em Cristo Ressuscitado. Sua ação permeia toda a celebração: o encontro e os abraços dos irmãos e irmãs, o canto, a proclamação e interpretação da Sagrada Escritura, as orações, os gestos simbólico-sacramentais, o espaço litúrgico. Começamos a perceber a importância das epicleses e do silêncio. É o Espírito que nos orienta na escuta e interpretação da Sagrada Escritura e na 'leitura' interpretativa da realidade, feita por toda a comunidade. A Palavra de Deus acolhida na meditação, na oração e na contemplação nos leva ao compromisso com a causa dos pobres. A redescoberta do método da 'leitura orante' se tornou um poderoso aliado. Começamos a nos dar conta de que a presidência e outros ministérios devem atuar conscientemente no Sopro do Espírito Santo e de que a todos/as participantes convém uma atitude de profunda conexão com o Mistério (atitude de reverência, de escuta, admiração, alegria e gratidão, compaixão, contemplação). A liturgia nos leva à *experiência espiritual* fundamental, 'fontal', de toda e qualquer forma de espiritualidade ou mística cristã. Somente a partir desta consciência e com esta atitude espiritual seremos capazes de superar a onda de 'liturgias' vividas como entretenimento, como devoção, carregadas de emocionalismo... ou de frio racionalismo e formalismo.
- 4) ***Dimensão escatológica, doxológica e de intercessão*** – *O horizonte utópico da liturgia é o Reino de Deus* prometido por Jesus. Faz-nos sonhar com o dia em que não haverá mais injustiça, desigualdade e discriminação social, guerras e perseguições. Por isso, a liturgia

ganha ares festivos, de alegria, principalmente aos domingos. Mas, não se trata de alegria fácil, barata. Sabemos que o confronto é difícil e o caminho longo e perigoso. Como Jesus, muitos podem sofrer até o martírio. Daí a autenticidade e veracidade das liturgias. A celebração litúrgica deve estar imbuída do dinamismo na urgência da vinda do Reino entre nós, 'até que ele venha!' Parte da realidade da vida da comunidade, dos acontecimentos marcantes da realidade local, nacional, mundial. Na partilha da Palavra (homilia dialogada), debruça-se sobre a situação do 'mundo' visto a partir dos pobres e leva à participação na ação de graças, à intercessão e ao compromisso missionário. Como povo sacerdotal que somos - em comunhão com as outras Igrejas cristãs e em sintonia também com outras tradições religiosas e filosóficas - celebramos, em louvores e ação de graças, a presença de Deus e de seu Reino no mundo, o mistério pascal acontecendo entre nós. E pedimos, suplicamos, intercedemos, por todas as necessidades do mundo, unindo-nos à intercessão de Jesus, o Cristo (Cf. Hb 7,25). É bom lembrar que *os salmos* sempre foram considerados a melhor escola de oração, 'colados' à vida. Daí a importância de redescoberta do valor do salmo responsorial e do ofício divino.

- 5) **Dimensão simbólico-sacramental** - Símbolos litúrgicos tradicionais são reinterpretados a partir da experiência de fé na vida dos pobres e na solidariedade com eles: a cruz deixa de ser símbolo de resignação e se torna apelo ao compromisso libertador; o pão e o vinho da eucaristia ganham densidade nova, seja como frutos da exploração dos trabalhadores/as, seja como frutos da partilha fraterna no trabalho cooperativo. Muitos novos símbolos e ações simbólicas são introduzidos, assim como expressões corporais, próprios da piedade e cultura popular (acendimento de velas, incensações, procissões, danças, beijo de bandeiras e imagens de santos, abraço da paz, gestos orantes...). Começamos a valorizar a linguagem corporal, simbólica, ritual, superando o racionalismo, o verbalismo (a verborragia!), assim como a 'teatralização' da liturgia. Começamos a prestar mais atenção à unidade 'corporeamente-coração' do ser humano celebrante e à unidade entre ritualidade, teologia e espiritualidade litúrgica. Começamos a descobrir o valor da beleza, da estética: dos gestos e movimentos, do caráter poético na proclamação dos textos bíblicos e litúrgicos, do canto e da música, das vestes, do espaço e da ornamentação. Ainda é tímida a compreensão dos sacramentos (principalmente a eucaristia) como 'ações simbólicas': 'sinais sensíveis' que remetem a uma 'realidade invisível' que ultrapassa o sinal; fazem-nos mergulhar no mistério de Deus revelado em Jesus Cristo. Somente a partir desta experiência, seremos capazes de eliminar qualquer indício de 'show', 'espetáculo', 'divertimento'. Isto vale principalmente na questão da música. Não é qualquer tipo de música que vale na liturgia. Daí a importância da escolha de música: que seja música ritual, em linguagem poética e musical da comunidade, de qualidade estética e teológica. Daí também a importância da maneira espiritual de cantar e tocar os instrumentos, da atitude dos ministros (participantes a serviço do canto da assembleia e não artistas diante de uma platéia) e da maneira de usar o microfone (sem abafar a voz do povo).
- 6) **Dimensão de inculturação** - Celebrações tradicionais são adaptadas à realidade das comunidades: celebração dominical da palavra de Deus, ofício divino (das comunidades, dos mártires, dos jovens, dos adolescentes e crianças...). Práticas da piedade popular são re-criadas, ligando com a realidade do povo: vias-sacras, novenas, romarias... Novas liturgias surgem da situação conflitiva em que o povo se encontra e são ao mesmo tempo liturgia e protesto político: romarias da terra e da água, vigílias de oração em frente à porta de prisões e distritos policiais, em despejos ou ocupações de terras ou moradias... Há

várias iniciativas de inculturação 'afro' na liturgia das comunidades cristãs católicas de afro-descendentes e há uma reflexão continuada e troca de experiências. No entanto, considerando que a porcentagem da população negra no Brasil é de aproximadamente 50%, podemos dizer que ainda é tímido o que se conseguiu até agora. Fora dos grupos específicos, os avanços ficam principalmente na área da música (uso de atabaque e outros instrumentos, influência no ritmo das músicas, introdução de danças nas procissões de entrada e das oferendas...). Também há avanços na reflexão e uma rica troca de experiências a respeito da inculturação nas comunidades indígenas cristãs.

Novo contexto

Com o tempo, fomos percebendo outras necessidades na realidade social e foram surgindo organizações de grupos específicos buscando sua libertação, não somente política, mas também social e cultural. Limitando-nos à realidade brasileira, podemos lembrar: as mulheres, os afro-descendentes, os povos indígenas, população de rua, catadores de materiais recicláveis, os sem-terra, sem-casa, sem-trabalho, os atingidos pela seca, pela construção de barragens; crianças, adolescentes e jovens 'em situação de risco'; os migrantes, os tóxico-dependentes, etc. Muitas destes grupos contam também com uma proposta de espiritualidade e uma boa reflexão teológica. (Por exemplo, teologia das mulheres, teologia índia, teologia afro...). Ultimamente, antes de ser agendada a V Conferência do CELAM, pouco se falava da teologia da libertação; no entanto, a *prática* da libertação (ou o 'cristianismo de libertação'²⁰) difundiu-se em incontáveis grupos e situações, com ou sem este nome.

Muitas mudanças ocorreram no contexto político, social, cultural e eclesial nas últimas duas décadas: crescente globalização econômica, crescimento incontrolado do aquecimento global, frustração e desalento com a política nacional, cultura fortemente marcada pelo individualismo e pelo secularismo crescente, oferta de muitas novas propostas religiosas ou filosóficas, volta do centralismo e do clericalismo na Igreja Católica Romana, aposta na igreja eletrônica e de marketing para atrair adeptos, crescimento dos 'novos movimentos' e sua influência principalmente pela presença constante de alguns deles na televisão onde a 'liturgia' virou show eletrônico com direito a muita emoção e muita 'cura'... Mas também, em contrapartida: a movimentação a nível mundial de 'um outro mundo possível' nos fóruns sociais; abertura maior à pluralidade cultural, religiosa e teológica e ao diálogo inter-religioso; crescimento de movimentos como 'Fé e política', 'Nós também somos Igreja' e outros; o trabalho nas pastorais sociais, experiências de economia solidária, construção de cisternas pelo próprio povo do semiárido; consciência crescente em relação ao esgotamento das reservas naturais não renováveis, atitudes proféticas como a de Dom Luiz Cappio alertando com seu jejum prolongado contra a transposição do rio São Francisco por ser mais uma maneira de enganar e prejudicar as populações do semiárido e favorecer os grandes proprietários...

Fala-se em 'novo paradigma', em 'mudança de época', em 'cultura global'... Cabe perguntar: neste novo contexto, quais são os *desafios* para a liturgia se quisermos continuar no caminho iniciado em Medellín e responder ao apelo de Aparecida? Destaco apenas um deles: a *formação litúrgica* em todos os níveis, desde a base até a formação de especialistas, dentro dos parâmetros apontados.

²⁰ Conceito mais amplo sugerido por Jung Mo Sung.

Teologia e Formação Litúrgica

Na perspectiva da América Latina, a teologia litúrgica deve partir da observação e análise crítica da vida litúrgica das comunidades. Enquanto reflexão sistemática sobre esta realidade não pode ficar confinada em teorias e em salas de aula para especialistas. Toda a vida litúrgica - a celebração, a espiritualidade, a formação em todos os níveis, a organização da pastoral litúrgica - deve beneficiar-se constantemente do aprofundamento teológico. Deve haver, portanto, um contínuo vai e vem, uma interação entre estas várias áreas. De que forma podemos garantir esta interação? *É principalmente uma questão de método e pedagogia na formação litúrgica.* Baseado em minha própria experiência (como agente de pastoral litúrgica e como liturgista, professora e escritora) e na experiência de muitas equipes das quais participei ou com as quais tive contato, lembro alguns princípios metodológicos e algumas ferramentas pedagógicas que se mostraram valiosas.²¹ É necessário que sejam adaptados a cada realidade, a cada grupo de formandos/as.

- 1- **Formação para as equipes de liturgia nas comunidades e paróquias** (incluindo o grupo de cantores e músicos), formação permanente na reunião semanal, com momento de oração, avaliação da celebração anterior e da atuação dos ministérios, recordação da vida (o que anda acontecendo na comunidade, no bairro, na cidade, no país, no mundo...?), estudo do sentido do tempo litúrgico ou de um outro rito menos conhecido, aprofundamento dos textos bíblicos e litúrgicos, dicas para a homilia e para as preces dos fiéis, escolha dos cantos e eventuais ações simbólicas complementares, elaboração do roteiro da próxima celebração, repartição das tarefas, ensaios e 'vivências' de alguma parte da celebração. Destacamos: 1) a importância do clima de colaboração, amizade, serviço; 2) a participação de todas as pessoas que irão assumir algum ministério na celebração, incluindo os ministros extraordinários da comunhão eucarística, o diácono, o presbítero²²; 3) a necessidade de um/a coordenador/a, para agilizar e garantir a participação de todos/as; 4) a importância de um planejamento anual da vida litúrgica da comunidade: prever as festas, repartir as responsabilidades, formar novas equipes onde se fazem necessárias: para as várias celebrações dominicais, para batismo, crisma, reconciliação, liturgia com os doentes e idosos, matrimônio, ofício divino, velórios e exéquias...; um retiro anual...
- 2- **Formação para todo o povo da comunidade ou paróquia.** A participação na própria liturgia, bem celebrada, domingo após domingo, anos após ano, seguindo os tempos litúrgicos, a celebração dos sacramentos e sacramentais... acaba sendo uma verdadeira 'escola de fé'. Ao prestar atenção e participando ativa e conscientemente de cada ação ritual (os cantos, as leituras bíblicas, a homilia, as orações, os movimentos, os gestos simbólico-sacramentais...), vamos assimilando o sentido de cada celebração, de cada tempo litúrgico e nos deixamos moldar pelo mistério celebrado ao longo de toda a nossa vida. Outras atividades podem vir a completar: uma 'semana de liturgia' anual, pequenos artigos no boletim paroquial...
- 3- **Formação para os catequizandos e catecúmenos; preparação litúrgica para catequetas (especialistas em catequese).** O método catecumenal - ainda pouco conhecido e adotado, apesar de sua indicação no diretório geral e nacional da catequese - sugere a interação de

²¹ Para uma descrição mais detalhada, vejam: BUYST, Ione. *Equipe de liturgia*. São Paulo, Paulinas, 2006 (Col. Celebrar); BUYST, Ione. *Formação litúrgica; memória pessoal: Centro de Liturgia, 1985-2006*. Edição própria, São Paulo, setembro de 2006/Ribeirão Preto, setembro de 2007.

²² Caso este último não puder comparecer devido a sua extensa tarefa pastoral, que seja colocado a par das decisões tomadas na reunião e receba o roteiro preparado pela equipe.

momentos de ensino (catequese bíblica, doutrinal, moral e mistagógica) com a liturgia catecumenal e com a inserção gradativa na vida e na missão da comunidade, além do acompanhamento pessoal dos catecúmenos. O Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) prevê ritos próprios: rito de instituição dos catecúmenos, celebrações da palavra, exorcismos e escrutínios, unção com o óleo dos catecúmenos, entrega e recitação do 'Creio' e do 'Pai Nosso', o rito do 'effeta', a eleição ou inscrição do nome... e por fim os sacramentos da iniciação cristã (batismo, confirmação e eucaristia), seguidos de um tempo de mistagogia. Todos estes ritos são organizados pedagogicamente ao longo das várias etapas do catecumenato, marcando inclusive a passagem de uma fase a outra, levando em conta o ano litúrgico. O método catecumenal leva a sério a liturgia como fonte da catequese e como necessário caminho para o encontro com Jesus Cristo na experiência gradativa de seu mistério pascal. Mas, quem ajudará as/os catequistas a descobrir e discutir a melhor maneira de fazer isto? Quem lhes dará a formação catequético-litúrgica? Quem orientará os autores e editores dos inúmeros subsídios e revistas de catequese que encontramos no mercado? Aqui surge a necessidade de incluir uma boa formação litúrgica nos cursos de formação específica, especializada, dos catequistas.

- 4- **Formação básica para os ministérios leigos específicos:** equipe de acolhida, leitores e leitoras, salmistas, cantores e cantoras, instrumentistas, acólitos/as, presidentes/as da celebração dominical da palavra de Deus, ministros/as extraordinários/as do batismo e da distribuição da comunhão eucarística, testemunhas qualificadas do matrimônio... Podemos distinguir dois momentos diferentes: a formação inicial e a formação continuada. 1) *A formação inicial* tem por objetivo capacitar as pessoas para assumirem o ministério com conhecimento de causa, com segurança e com alegria. Necessitam de uma introdução básica: em que consiste o trabalho, qual sua finalidade e como deve ser realizado. É importante partir dos conhecimentos dos participantes e, em seguida, estudar a ação ritual a ser realizada com seu sentido teológico e sua espiritualidade, lembrar algum documento do magistério da Igreja ou entrar em contato com outros textos de estudo. Não deve faltar um laboratório litúrgico ou vivências para que os formandos assimilem 'no corpo, na mente e no coração'. 2) De tempos em tempos, é necessário cuidar de um momento de *formação continuada, acompanhando a ação*. Podemos partir dos relatos e das experiências do grupo dos ministros/as: o que têm feito, o que tem dado certo, quais as dificuldades encontradas... Numa conversa comunitária, com 'leitura orante' de textos bíblicos e litúrgicos, com o estudo de outros textos, procura-se soluções dos problemas e um aprofundamento maior, em função do ministério e do crescimento pessoal na fé. No final, são decididas as possíveis mudanças para melhorar a prática. Cuide-se de um clima de fraternidade e confiança mútua.
- 5- **Formação litúrgica para outras pastorais específicas** (catequese, juventude, pastoral social, pastoral da saúde, pastoral familiar, comunicação, etc...) **e para os movimentos.** Cada um destes setores costuma organizar celebrações litúrgicas com alguma regularidade. Portanto, seria bom oferecer uma formação básica e função desta tarefa e também para que seus membros possam chegar a uma participação consciente na liturgia, como fonte de sua vida espiritual e missionária. Em vez de promover algum encontro esporádico, é bom pensar em 'escolas' de liturgia, prevendo vários encontros, garantindo assim um mínimo de continuidade. Possíveis assuntos a serem aprofundados, conjugando sempre estudo do rito, com sua teologia e espiritualidade: celebração eucarística, liturgia da palavra, ofício divino, canto e música na liturgia, cada um dos tempos do ano litúrgico, o

espaço litúrgico, batismo, confirmação, sacramento da reconciliação, sacramento da unção dos enfermos, sacramento do matrimônio, sacramento da ordem, bênçãos, romarias, liturgia como fonte de espiritualidade... As/os *catequistas* merecem um estudo aprofundado do RICA em função do catecumenato e até mesmo para ir modificando a metodologia da catequese 'comum': introdução de etapas marcadas com celebrações, reuniões catequéticas com momentos litúrgicos, como celebração da entrada na catequese, celebração da palavra, bênçãos... e uma iniciação à vida litúrgica (aprender a celebrar, ouvir a Palavra, responder com o salmo, fazer preces espontâneas a partir da leitura bíblica proclamada, orar com velas e outros símbolos, adquirir uma sensibilidade simbólica, trazer a vida para dentro da liturgia e levar a liturgia para dentro da vida...).

- 6- **Formação litúrgica nas casas de formação** (seminários, congregações religiosas, institutos de leigas consagradas...). Mesmo para os candidatos ao ministério ordenado e à vida religiosa ou consagrada que terão estudo sistemático de liturgia no instituto de teologia, é indispensável a vida litúrgica diária (ofício divino ou liturgia das horas, celebração da palavra, celebração eucarística, bênção da mesa...) como caminho de aprofundamento da vida cristã no seguimento de Jesus Cristo. Muitos/as destes/as candidatos/as são batizados/as e crismados/as, porém não foram devidamente *iniciados*. Os anos de formação poderão se tornar um momento precioso para o mergulho no mistério de Jesus Cristo e uma adesão consciente no Espírito. O método catecumenal poderá ser uma referência: caminhada progressiva, acompanhada de ritos específicos, cuidando da interligação entre catequese, celebrações litúrgicas, participação na vida comunitária, acompanhamento pessoal espiritual. Um cuidado especial deve ser dado à iniciação *progressiva* na liturgia das horas (ofício divino): aprender a valorizar e saborear a passagem noite/dia/noite, símbolo do Cristo-Luz em sua morte e ressurreição; aprender a valorizar estes momentos diários com o canto dos hinos próprios da manhã e da tarde; aprender a saborear e rezar com os salmos e cânticos bíblicos, principalmente os três cânticos evangélicos; adquirir o hábito da intercessão, 'cruzando' os acontecimentos do dia com os salmos e as leituras bíblicas... Em preparação ao domingo, nossa páscoa semanal: 'leitura orante' com os textos bíblicos e litúrgicos (principalmente o evangelho, a coleta, o prefácio...) e, no domingo à noite ou na segunda-feira, partilha das experiências de fé vividas no domingo. Nas grandes festas litúrgicas, poderia se pensar num 'ágape' no momento do jantar: a refeição envolta em hinos, cantos, leituras bíblicas e patrísticas, preces, poesias..., quem sabe, à luz de velas...
- 7- **Formação litúrgica sistemática para agentes de pastoral litúrgica (padres, diáconos, leigos/as, religiosos/as...)**. Geralmente o tempo (e o dinheiro) para estas formações é bastante curto. Procura-se dar o máximo de conteúdo no pouco tempo previsto. No entanto, é melhor aprofundar bem os elementos essenciais, 'casando' o estudo da ação ritual com o aprofundamento teológico e espiritual e o confronto com nossa prática pastoral. A experiência mostrou que é preferível privilegiar a 'liturgia específica' e, ligados a esta, os temas da 'liturgia geral' (incluindo a sacramentologia). Por exemplo, caso começemos com o estudo da missa, poderemos associar a isso a teologia litúrgica do mistério pascal, a liturgia como 'memorial', como ação transformadora do Espírito Santo, a assembleia litúrgica com seus vários ministérios como sujeito da ação litúrgica etc..., sempre partindo dos ritos e textos do livro litúrgico, no caso, o missal e sua introdução geral. Temas que não deveriam faltar na programação (além do estudo de cada um dos sacramentos, sacramentais e outros tipos de celebração): embasamento antropológico

(por que celebramos? necessidade de símbolos, ritos e mitos...) e o imperativo da inculturação; as características da liturgia cristã com seu embasamento bíblico; panorama histórico da liturgia com sua teologia e espiritualidade (incluindo a América Latina); a liturgia como memorial da páscoa de Cristo; o povo sacerdotal com sua diversidade de ministérios como sujeito da ação litúrgica em sinergia com o Espírito Santo; a sacramentalidade da liturgia; a teologia litúrgica da Palavra de Deus; a eucologia, a música e o canto, o silêncio; tempo e espaço litúrgico...²³ Também a piedade popular e as novas liturgias emergentes merecem nossa atenção, possivelmente ligada ao ano litúrgico. Quanto ao método: análise ritual, 'leitura orante' com textos bíblicos e litúrgicos, observação participante da prática litúrgica de uma comunidade, método 'ver-julgar-agir', laboratório litúrgico e vivências, preparação e avaliação das celebrações realizados no próprio curso ou escola, planejamento da pastoral litúrgica. - Deve-se cuidar igualmente da *atualização litúrgica permanente* para bispos, padres, diáconos e ministros/as leigos/as em atividade pastoral.

- 8- Formação especializada, específica, para a música na liturgia e para o espaço litúrgico nos vários níveis.** Canto e música são elementos integrantes da liturgia; não podem ficar a critério de qualquer um que não tenha a competência mínima em termos de liturgia e de música. Cada vez mais sentimos a necessidade de pessoas formadas nas duas áreas, para compor músicas adequadas, orientar as equipes de liturgia, formar e dirigir os grupos de canto e instrumentistas, ajudar na formação de um repertório de cantos próprios para cada ocasião, dirigir o canto da assembleia litúrgica... São poucas as paróquias e dioceses que investem nesta área. A mesma coisa pode-se dizer dos profissionais necessários para construir, organizar, reformar, embelezar o espaço litúrgico: arquitetos, engenheiros, artistas plásticos. Não adianta chamar um excelente engenheiro, mas que não tem conhecimentos específicos do espaço litúrgico. Menos ainda podemos deixar que o padre, sem conhecimentos técnicos, se aventure em levar avante esta obra! Daí a necessidade de cursos de especialização nesta área, com o duplo enfoque técnico-estético e litúrgico-pastoral.²⁴
- 9- Formação litúrgica nos Institutos de Teologia.** O resultado insatisfatório do ensino da liturgia nos institutos de teologia, principalmente para o caso dos ministros ordenados, nos leva à necessidade de procurar as causas e remediá-las. De modo geral, as queixas são: separação de 'liturgia' e 'sacramentos'; falta de preparação específica dos professores nas duas áreas (que deveriam ser uma só); carga horária insuficiente para preparar os futuros ministros ordenados em sua função de presidentes, de formadores litúrgicos de suas comunidades, de coordenadores da pastoral litúrgica nas paróquias e dioceses; aulas teóricas sem ligação com a prática pastoral; desconhecimento dos livros litúrgicos... Alguns 'remédios' já encontrados e testados: 1) uso do método mistagógico no ensino da liturgia (incluindo os sacramentos): do rito à teologia e à espiritualidade²⁵; pedagogia ativa, envolvendo ao máximo o estudante com pesquisas bibliográficas e levantamento da realidade; 'produção do conhecimento em mutirão'; interligação entre teologia e pastoral

²³ Cf. BUYST, Ione & SILVA, José Ariovaldo. *O mistério celebrado: memória a compromisso I*. Siquem Ediciones/Paulinas, Valencia (Espanha)/São Paulo, 2004. (Col. Livros Básicos de Teologia, 9); BUYST, Ione & FRANCISCO, Manoel João. *O mistério celebrado: memória e compromisso II*. Ediciones/Paulinas, Valencia (Espanha)/São Paulo, 2004. (Col. Livros Básicos de Teologia, 10).

²⁴ Cf. Curso de Especialização em Arte Sacra, PUCRS, Porto Alegre.

²⁵ Vejam bibliografia na nota 5.

com a aplicação do método 'ver-julgar-agir' e o uso da técnica de 'observação participante'; educação para a ritualidade com a técnica do laboratório litúrgico e vivências, propiciando a experiência unitária 'corpo, mente/espírito, coração'.

10- **Formação de especialistas em liturgia, mestres e doutores**, (clero, leigos/as, religiosas/religiosos...) Pela lógica, deveríamos apostar numa formação de especialistas *coerente* com a teologia litúrgica na perspectiva da América Latina, para que possam sustentar o ensino nos Institutos de Liturgia, a formação litúrgica em todos os níveis e a condução (coordenação) da pastoral litúrgica nas Igrejas locais juntamente com o bispo. É uma questão de conteúdos programáticos e de metodologia. Já foram elaborados princípios de uma ciência litúrgica neste sentido, baseado no método 'ver-julgar-agir'. Trata-se de 'ver' uma determinada prática ritual dentro do contexto social, cultural, eclesial; 'julgar-la' a partir dos dados da fé nas sagradas escrituras, na teologia, na história da liturgia (rito e teologia), nos documentos do magistério...; apontar pistas para o 'agir', provocando mudanças na prática. Trata-se ainda de conjugar antropologia (principalmente antropologia ritual), sociologia, e outras ciências do humano com a teologia litúrgica (interdisciplinaridade).²⁶ Já encontramos e experimentamos caminhos pedagógicos interessantes que provaram sua eficiência em todo este processo: produção do conhecimento em mutirão, observação participante aplicada à ciência litúrgica, 'leitura orante' com textos litúrgicos, laboratório litúrgico na aprendizagem da ritualidade...²⁷

11- **Em todas as modalidades de formação** - Além das muitas indicações metodológicas e pedagógicas nos itens acima, é necessário insistir em dois elementos que deveriam estar presentes em todas as modalidades de formação e tornar-se um ponto essencial em sua avaliação: 1) Andréa Grillo situa o método mistagógico na perspectiva da redescoberta e reintrodução do '**pressuposto ritual da fé**'²⁸. Séculos de um "progressivo intelectualismo e racionalismo [que] havia perdido o rito como pressuposto eficaz de qualquer experiência da revelação e da fé e, portanto, de qualquer teologia séria do sacramento e da liturgia cristã".²⁹ No entanto, a liturgia como doxologia ou culto ritual é anterior ou ao menos 'co-origenário' ao culto espiritual; e como tal é fonte da teologia. Além disso, na cultura 'pós-moderna' atual, o que interessa é a *experiência* ritual. Daí a necessidade de uma 'refontização' antropológica da liturgia e a recolocação da liturgia no seu papel de *fonte*, principalmente da teologia dos sacramentos. Francisco Taborda expressa a importância do caráter simbólico-ritual da liturgia da seguinte maneira: "*A liturgia é um dos lugares teológicos primeiros, porque a experiência cristã começa a fazer parte da vida humana quando se expressa em símbolos. (...) no símbolo o ser humano atualiza sua verdade mais nuclear com todas as suas faculdades. (...) A liturgia expressa a fé de modo evocativo, poético, simbólico, existencial e assim nos põe em contato com o evento fundador.*"³⁰ Daí a necessidade de se usar o método mistagógico que parte do estudo do rito para daí, com o

²⁶ Cf. BUYST, Ione. *Como estudar liturgia; princípios de ciência litúrgica*. 5ª ed. São Paulo, Paulus, 2007. (Col. Liturgia e Teologia)

²⁷ Cf. BUYST, Ione. *Formação litúrgica; memória pessoal: Centro de Liturgia, 1985-2006*. Edição própria, São Paulo, setembro de 2006/Ribeirão Preto, setembro de 2007.

²⁸ Cf. GRILLO, Andrea. *Il rinnovamento liturgico tra prima e seconda svolta antropologica; il presupposto rituale nell'epoca del postmoderno*. Pontificia Facoltà Teologica Dell' Italia Meridionale, Molfetta, Quaderni della Rivista do Scienze religiosi (n. 2), Edizioni Vivere In, Roma, 2004, p. 51.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Lex orandi - lex credendi: origem, sentido e implicações de um axioma teológico. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, 35(2003), p. 81-2.

devido recurso epistemológico, extrair sua teologia e espiritualidade, em diálogo com o contexto social e cultural.³¹ Acontece que para muitas pessoas ‘rito’ tem a conotação de um odioso ritualismo formalista que não tem nada a ver com o mandamento de Jesus que disse: *‘Façam isto em memória de mim’*. É preciso, pois, resgatar a graça de celebrar, de entrar no ‘jogo’ espiritual de ‘brincar’ com água, luz, óleo, incenso, flores..., de sentir o prazer de cantar, dançar, nos reunir, ouvir a Palavra, sentir o gosto do pão e do vinho partilhados. É preciso resgatar nossa capacidade de ver o invisível através do visível, de tocar o mistério através da participação na ação ritual e deixar-se tocar pelo Outro, o Transcendente, mediante os gestos rituais. Portanto, é urgente a sensibilização simbólico-ritual, a formação para a ritualidade, trabalhando a unidade ‘corpo-mente-coração’, através de laboratórios litúrgicos e vivências. Podemos e devemos aprender ainda com a rica tradição da cultura indígena, afro e da piedade popular, onde se celebra com pés e mãos, com movimentos e símbolos..., que inscrevem em nosso corpo e nossa alma os mais profundos conhecimentos e nos fazem mergulhar e viver a comunhão com o mistério da vida. 2) Além dos laboratórios e vivências, é necessário incluir o **processo de juntos/as preparar-celebrar-avaliar** a liturgia, como parte integrante dos programas de formação. Necessitamos urgentemente destes ‘criadouros’ de uma nova liturgia: mistagógica, inculturada, compromissada com a libertação. 3) Poderíamos acrescentar um terceiro elemento - óbvio, mas nem sempre levado a sério: facilitar a todos/as o acesso a publicações e outros subsídios, como manuais, livros de estudo, ‘Revista de Liturgia’³², ‘Liturgia em mutirão’³³, Dicionário de Liturgia³⁴, Antologia Litúrgica,³⁵ CD’s e DVD’s.

Conclusão

A referência última de todo o nosso fazer e saber litúrgicos é a última ceia de Jesus. Se ele a celebrasse hoje na América Latina, como a faria e que significado teria? Qual é o compromisso que implicaria para seus discípulos/as-missionários/as o mandamento do memorial? Imaginemos por um instante Jesus vivendo hoje e realizando sua missão na América Latina. Onde e com quem andaria? O que pregaria? O que faria? Quem concordaria e aderiria à sua proposta? Quem se oporia à sua ação e pregação? Quem o levaria a julgamento e à pena de morte? A quem apareceria e com quem se reuniria o Ressuscitado, para fazer o quê? Implícito, temos aí a resposta de que significa celebrar hoje a liturgia como memorial de Jesus Cristo. Somos chamados/as pela graça de Deus, marcados/as com o Espírito do Ressuscitado para continuar sua missão messiânica e samaritana. Cada celebração litúrgica é um momento de reunião para ‘permanecer’ com o Senhor e sermos marcados/as mais profundamente com sua Palavra e com

³¹ Cf. TABORDA, Francisco. Da celebração à teologia; por uma abordagem mistagógica da teologia dos sacramentos. In: REB 64 (2004) 588-615, fasc. 255. Vários textos de Ione BUYST: 1) *‘O rito como fonte de teologia litúrgica em geral, revisitando caminhos percorridos’*, Apostilado para o encontro anual da ASLI, Associação dos Liturgistas do Brasil, Ilhéus, 2005; 2) A coluna ‘Música ritual: uma entrada para o mistério’, na *REVISTA DE LITURGIA*, São Paulo, nn. 195 a 204; 3) O método mistagógico na formação litúrgica em geral, Apostilado, Semana de Liturgia, São Paulo, outubro 2006; 4) Seis artigos na RL 2007 sobre mistagogia: Grilos 15 a 20; 5) Memória da 20a. Semana e esclarecimento do termo mistagogia, Apostilado para a 21ª. Semana de Liturgia, 2007, em <www.teologia-assuncao.br/>; 6) *Música ritual e mistagogia*, São Paulo, Paulus, 2008.

³² <www.revistadeliturgia.com.br>

³³ Vejam: <www.cnbb.org.br/liturgia>

³⁴ SARTORE, D & TRIACCA, A.M. (org) *Dicionário de Liturgia*. São Paulo, Paulinas/Paulistas, 1992.

³⁵ ANTOLOGIA LITÚRGICA; textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima (Portugal), Secretariado Nacional de Liturgia, 2003.

seu Espírito. Porém, é apenas um momento; não nos é permitido ‘ficar’ o tempo todo: ele nos envia de volta ao ‘mundo’ para anunciar a boa nova aos pobres e, solidariamente, provocar sua libertação.³⁶ Da mesma forma, o estudo da liturgia, o aprofundamento da teologia e da espiritualidade litúrgicas somente terão validade se nos levarem a avaliar e aprofundar o sentido da liturgia em sua relação com a missão, em cada contexto vital, social, político, cultural.

[Recebido em: maio de 2012 /
Aceito em: junho de 2012]

³⁶ Cf. Mc 3,14.